ALGODÃO BRASILEIRO OCUPA UMA POSIÇÃO DE DESTAQUE NO MUNDO



MIGUEL FAUS
Presidente da Associação Nacional dos Exportadores de Algodão (ANEA)

AMPLOS INVESTIMENTOS em tecnologia e características como a qualidade e a regularidade no fornecimento atribuíram ao algodão brasileiro uma posição de relevância no mercado mundial da pluma. Nos últimos vinte anos, houve uma grande evolução na cotonicultura nacional e, consequentemente, um aumento significativo da demanda mundial, gerando ótimos resultados para a exportação do País. A nossa fibra continua a conquistar cada vez mais espaço, consolidando o Brasil como um dos principais fornecedores do globo.

Para se ter uma ideia da representatividade do algodão brasileiro no mercado mundial, o País exportou, no último ciclo – que compete ao período de julho de 2021 a junho de 2022 –, 1,724 milhão de toneladas da pluma (*vide* tabela). O volume está abaixo do recorde de 2,414 milhões de toneladas escoados da *commodity* brasileira no ciclo 2020/21, mas, ainda assim, é considerado positivo e dentro das expectativas. O desempenho menor deu-se por conta da redução e da quebra de safra em algumas regiões do País, em função de questões climáticas.

Outro ponto relevante é que o Brasil figura, atualmente, entre os maiores produtores mundiais de algodão, junto a Estados Unidos, China, Índia e Paquistão, e é líder em produtividade nas lavouras de sequeiro (cultura agrícola que cresce sem a necessidade de adição de água ao solo por meio de irrigação). Pelo fato de o algodão ser plantado no Brasil por meio do regime não irrigado e devido à grande área geográfica de plantio, as qualidades dessa fibra são as mais diversas.

SHUTTERSTOCK



Por meio de uma produção com ampla tecnologia e responsabilidade socioambiental e que é rastreável, conseguimos atender todos os mercados, conforme o nível de qualidade exigido por cada um deles. Entre os países consumidores, a China ocupou a posição de principal destino das exportações brasileiras de algodão no ciclo 2021/22, sendo responsável por receber 26,46% da nossa pluma. Na sequência, estão Vietnã, Turquia e Bangladesh nas primeiras colocações (*vide* gráfico).

Apesar dos contratempos e das incertezas causados pelo cenário externo e pela volatilidade no preço da pluma, a expectativa para a temporada atual se mantém estável ante a anterior, mas, mesmo assim, dentro do esperado. Na ANEA, estimamos que o País deverá fechar o período 2022/23 – de julho de 2022 a junho próximo – com 2,250 milhão de toneladas embarcado, o que reforça a participação do Brasil como fornecedor constante da fibra ao mercado internacional ao longo de doze meses.

Mas ainda há espaço para crescer. Com a finalidade de promover institucionalmente o algodão brasileiro mundo afora, a ANEA atua defendendo os interesses dos associados junto às autoridades públicas e privadas e foi responsável pela criação de diversos comitês que abordam temas relevantes para o setor, como o Comitê de Logística, área que representa um grande desafio aos exportadores por conta do valor elevado dos fretes e da falta de contêineres, que ainda persiste.



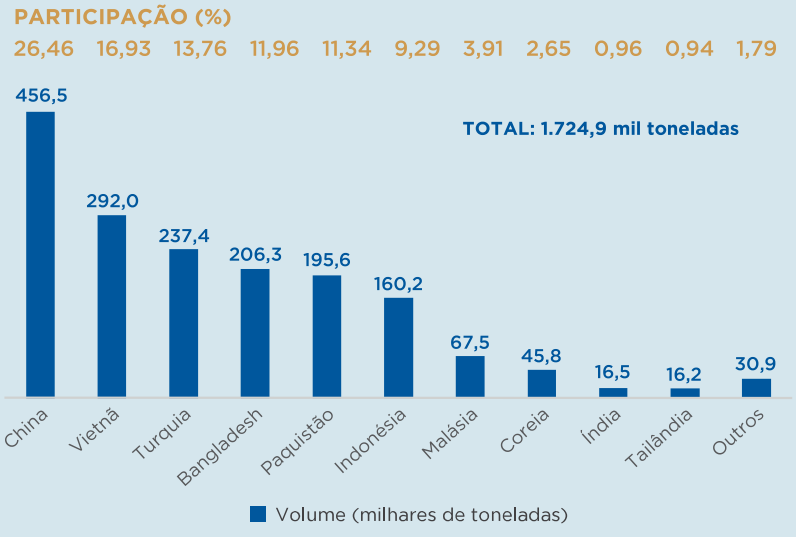
A ANEA também apoia e participa ativamente de todas as missões do Cotton Brazil, uma iniciativa capitaneada pela Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa), com apoio da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil), que projeta o algodão brasileiro como parceiro de confiança para fiações, tecelagens e confecções ao redor do mundo. Participa, ainda, do movimento Sou de Algodão, que promove o uso de algodão sustentável. ■

BRASIL: EMBARQUES DE ALGODÃO
(TONELADAS DE PLUMA)

SAFRA	2018/19	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23
Julho	8.685	46.757	77.200	61.416	19.680
Agosto	24.234	42.316	109.017	50.776	62.790
Setembro	87.859	164.082	158.904	140.213	88.510
Outubro	177.133	287.625	241.274	203.095	260.100
Novembro	211.746	256.241	333.292	166.351	268.594
Dezembro	227.900	277.134	370.456	270.636	
Janeiro	116.687	308.800	273.900	199.381	
Fevereiro	93.968	169.900	235.505	166.884	
Março	105.252	140.700	221.948	185.817	
Abril	73.723	90.512	176.995	135.969	
Maio	82.345	69.553	115.243	81.622	
Junho	61.911	56.704	100.612	62.733	
TOTAL	1.271.443	1.910.324	2.414.346	1.724.893	699.674

Fontes: SECEX/MDIC; ANEA

PRINCIPAIS PAÍSES DE DESTINO DO ALGODÃO BRASILEIRO NO CICLO 2021/22



Fontes: SECEX/MDIC; ANEA

INDÚSTRIA BRASILEIRA DE ÁRVORES

BIODIVERSIDADE É ESTRATÉGIA PARA O NOSSO FUTURO



PAULO HARTUNG

Economista, presidente-executivo da Indústria Brasileira de Árvores (Ibá) e membro do Conselho Consultivo do RenovaBR



PATRÍCIA MACHADO

Engenheira florestal, doutora pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e gerente de Políticas Florestais e Bioeconomia da Ibá

SE A humanidade precisa, inescapavelmente, caminhar rumo a um futuro sustentável, cuidar da fauna e da flora se torna um passo fundamental. É necessário fazer com que a diversidade biológica ganhe, de fato, relevância.

Apesar da lógica baseada na Ciência exigir de nós mais zelo com a natureza, a verdade é que temos caminhado na direção contrária. O mais recente Relatório de Avaliação Global sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos das Nações Unidas deixou claro que milhões de espécies podem enfrentar a extinção em decorrência de redução de hábitat, excesso de poluição e mudanças climáticas.

Triste prova desse descompasso entre necessidade e ações é o fracasso no cumprimento das vinte Metas de Aichi, estabelecidas durante a 10ª Conferência das Partes (COP 10, na sigla em inglês) da Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), realizada em Nagoya, no Japão, em 2020, com o objetivo de deter as perdas entre 2010 e 2020. Infelizmente, nenhuma meta foi 100% alcançada.

SHUTTERSTOCK



Foi nesse cenário desafiador, com demanda por atitudes concretas, que Montreal, no Canadá, sediou a COP 15 da CDB. De lá, foram emitidos sinais positivos, como o avanço na participação da sociedade: mais de 15 mil pessoas inscreveram-se para acompanhar presencialmente as quase duas semanas de negociações.

Em comparação às últimas edições das COPs da CDB, essa foi a com participação mais expressiva da iniciativa privada. Foi possível, também, identificar a presença expressiva do setor financeiro, em busca de informações e troca de experiências.

ELABORAR UM NOVO MARCO GLOBAL DA BIODIVERSIDADE PÓS-2020

Na esfera negociadora, o principal objetivo era a aprovação do Marco Global da Biodiversidade Pós-2020 (MGB). Ao final, adotou-se um conjunto de 23 metas para impulsionar ações em prol da conservação e do uso sustentável da biodiversidade, com visão voltada para 2050. Um dos diferenciais é a meta 15, que prevê a integração do setor privado como ator central, especialmente grandes empresas e multinacionais, que deverão reportar impactos e riscos com relação à fauna e à flora.

Assim como na COP do Clima, houve um impasse entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. As nações com maior poder econômico, novamente, esquivam-se de assumir a liderança nos investimentos que beneficiam o meio ambiente, mas representantes, especialmente, de países megadiversos cobraram a instituição de um fundo específico ou um mecanismo que financie a proteção da biodiversidade.



Por fim, ficou decidido que serão mobilizados US$ 200 bilhões para promover o MGB até 2030. Novamente, a operacionalização do financiamento, inclusive a origem dos recursos, ainda será mais discutida.

Esse debate, agora, requer mais celeridade, pois já passou da hora de regiões mais ricas, em especial a União Europeia, assumirem maiores responsabilidades, de fato, no apoio à conservação da vida no Planeta.

Para além da proteção, é possível adicionar um pouco de ambição e visão moderna a essa equação e chegar a um resultado em que a biodiversidade também se coloque como vetor para que o Planeta encontre soluções ambientalmente amigáveis para as suas necessidades. Afinal, os três pilares da CDB envolvem conservação, uso sustentável e acesso e repartição de benefícios. Todos eles devem ser ponderados de maneira igual durante as negociações.

Nessa rota, em que a diversidade biológica tem tudo para assumir um papel estratégico, o Brasil desponta como um dos faróis para iluminar esse caminho inovador. O País possui ricos ativos ambientais, como a maior floresta tropical do mundo, a maior biodiversidade e 12% da água doce, além de uma matriz energética diferenciada. Esses atributos são capazes de posicioná-lo como uma das fontes de soluções para o mundo.

CAPACIDADE DO BRASIL DE FORNECER ENERGIA VERDE PARA O MUNDO

A necessidade de o Planeta – em especial, regiões mais ricas, como a Europa – deixar para trás fontes fósseis na geração de energia abre uma enorme chance ao Brasil, que tem sol, vento e uma experiência interessante com biomassa. O País é completamente capaz de fornecer energia verde ao mundo, com potencial para avançar, também, em hidrogênio verde.

A segurança alimentar é mais um desafio planetário com o qual o País tem condições de contribuir sustentavelmente. Até a década de 1970, era importador de alimentos e, hoje, ajuda a alimentar 800 milhões de pessoas no mundo. As condições de solo e clima, além de investimentos em pesquisa, desenvolvimento e inovação, possibilitaram alcançar uma agricultura tropical de ponta, com alta produtividade, e produzir, atualmente, até três safras agrícolas anuais. Mas podemos avançar em terras com algum nível de degradação. Ou seja, não precisamos derrubar floresta natural para expandir a nossa agricultura.

A Amazônia também merece especial atenção, pois toda a riqueza ambiental ali contida pode ser uma das portas para que o País se torne o grande *hub* de inovação verde. Investimentos em ciência e tecnologia podem fazer emergir um polo de produtos sustentáveis para as indústrias farmacêutica, cosmética, alimentícia, entre outras. Trata-se de uma chance, inclusive, de gerar emprego e renda, auxiliando uma boa parte dos cerca de 25 milhões de habitantes que, paradoxalmente, vivem empobrecidos numa das regiões mais ricas do País e do mundo.

Cuidar da Amazônia também reforça a capacidade nacional de ser protagonista da geopolítica global no contexto do avanço da economia verde, com força para colocar o País nas principais mesas de negociação internacionais.

Para que todo esse potencial se transforme em uma efetiva oportunidade, é preciso, no entanto, fazer uma lição de casa que passa, fundamentalmente, por proteger a nossa biodiversidade. Faz-se necessário combater as ilegalidades ambientais com veemência, como desmatamento, garimpo, grilagem e queimadas.

CORREDORES ECOLÓGICOS AUXILIAM NA PROTEÇÃO DA BIODIVERSIDADE

Não precisamos reinventar a roda. O Brasil, desde a Rio-92, mostrou ser possível superar o desafio ambiental, especialmente do desmatamento. Isso passou pela criação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e do Ministério do Meio Ambiente (MMA), assim como por treinamento de fiscais e investimentos em comando e controle. Agora, também temos a oportunidade de fazer da tecnologia uma aliada, utilizando imagens de satélite, por exemplo.

Para além do bioma Amazônia, o Brasil tem experiências que provam ser possível cuidar do meio ambiente, produzir e ser competitivo no mercado internacional. O setor de árvores cultivadas é um *benchmark* global, chamando a atenção por um trabalho que prioriza uso inteligente da terra, cuidado com as pessoas e respeito à natureza.

A indústria de base florestal é responsável pelo cultivo produtivo em 9,93 milhões de hectares, em que árvores são plantadas, colhidas e replantadas, comumente em áreas antes degradadas. Também é destaque no trabalho das companhias a área de conservação, que chega a 6,00 milhões de hectares, uma extensão maior do que o estado do Rio de Janeiro. Ou seja, para cada 1 hectare plantado, 0,6 hectare é conservado dentro das fazendas das empresas. Em uma técnica sustentável de manejo chamada de mosaico florestal, as áreas de cultivo e de conservação são conectadas, criando verdadeiros corredores ecológicos, que auxiliam na proteção da biodiversidade.

Em 2022, a Ibá lançou o 1º Caderno da Biodiversidade do Setor de Árvores Cultivadas, que, com base na análise dos bancos de dados das companhias de base florestal, identificou mais de 8.000 espécies registradas em áreas do setor. Desse total, 335 estão classificadas como ameaçadas de extinção. Isso significa que encontraram nas florestas das companhias locais seguros para seu desenvolvimento, trânsito, alimentação ou, até mesmo, procriação.

Fruto desse trabalho responsável, consumidores de todo o mundo possuem em suas casas produtos ambientalmente amigáveis, como as embalagens de papel, tecidos, fraldas, livros, pisos laminados e painéis de madeira, além de milhares de outros bioprodutos. Trata-se de itens com origem renovável e pós-uso responsável, já que são recicláveis, reutilizáveis e, em sua maioria, biodegradáveis.

Esse é um dos exemplos que evidenciam o potencial nacional para protagonizar esta nova era, de modo a zelar por uma natureza saudável e impulsionar a esfera econômica por meio de negócios sustentáveis. O Brasil pode, inclusive, representar um estímulo para que o Planeta, de fato, trilhe o caminho da proteção à biodiversidade.

Para que essa jornada planetária dê passos firmes rumo a um amanhã mais verde, é imprescindível um movimento articulado e consequente. Governos de todo o mundo precisam cumprir suas metas; países ricos, que mais impactaram a natureza, principalmente após a Revolução Industrial, devem assumir sua responsabilidade e fazer o financiamento a países em desenvolvimento ser operacionalizado de fato; a iniciativa privada tem de colocar a natureza como ponto de partida do seu planejamento estratégico, de modo a respeitá-la sem deixar de produzir; e a sociedade deve exigir que a sustentabilidade seja um padrão na dinâmica socioeconômica de produção e consumo, por exemplo.

EVOLUÇÃO RUMO À SUSTENTABILIDADE

A evolução rumo a uma civilização sustentável não é simples, nem seu traçado está desenhado de antemão em mapa algum. Mas, como são os passos que fazem o caminho, é preciso definir a sustentabilidade como um farol a guiar o nosso trajeto – movimento que já ocorre em tempos tão inóspitos e turbulentos.

Os sinais de esgotamento dos ecossistemas são evidentes. O futuro depende das lições que tirarmos dos erros passados, do preciso diagnóstico que fizermos do presente e, especialmente, das decisões que tomarmos tendo em vista a garantia das condições existenciais às atuais e às próximas gerações. Nesse sentido, uma conclusão é inegável: o percurso que sustentará a vida no Planeta passa pela prioridade absoluta à questão da biodiversidade, com os seus problemas, desafios e potenciais. ■